

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria dos Anjos

registada em 2008-09-19
por

Jenny Campos e Hugo Pereira

Maria dos Anjos

Maria dos Anjos nasceu no Piódão, a 15 de Maio de 1941. O pai era José Lopes dos Santos. A mãe chamava-se Clementina dos Anjos. “Semeavam milho, batatas, feijão, cebolo, tomate, alface e estas novidades da época.” Criaram cinco filhos. Maria dos Anjos andou na escola, mas como não havia professores só fez a terceira classe. Aos 18 anos, começou a namoriscar, mas “não eram namoros sérios”. O namoro com o marido foi por carta, ele andava na tropa. Casaram em Março, num dia de chuva. Saiu da aldeia para Lisboa ainda não tinha 25 anos. Depois de casados o marido de Maria dos Anjos arranjou lá um trabalho, para a Lisnave. Esteve lá meio ano sozinho e depois veio buscá-la. Mais tarde, veio para Coimbra. Esteve lá perto de uns 20 anos. Tiveram um minimercado. Saturada das cidades regressou ao Piódão, onde “há mais sossego”. Actualmente anda “sempre a plantar e a regar”. Ocupo o dia e o tempo entre o campo e o jardim e fazer a vida de casa.

Índice

Identificação Maria dos Anjos.....	4
Ascendência "Os nossos pais viviam com muita dificuldade".....	4
Infância A infância.....	5
Casa "Lembro-me da casa dos meus pais".....	7
Educação "Levei duas dúzias de reguadas".....	8
Religião "Era muito bonito, porque havia muita criança".....	8
Namoro "Tínhamos vergonha de dar beijos".....	9
Casamento "Ainda tenho o véu".....	10
Migração "Fui daqui ainda não tinha 25 anos".....	11
Quotidiano O dia-a-dia.....	12
Costumes Usos da terra.....	12
Lugar O Piódão.....	16
Sonhos "É o meu sonho".....	20
Avaliação "Importante para os novos".....	20

Identificação *Maria dos Anjos*

O meu nome completo é Maria dos Anjos. Nasci em Piódão, a 15 de Maio de 1941.



Maria dos Anjos com 18 anos

Ascendência "*Os nossos pais viviam com muita dificuldade*"

O nome do meu pai era José Lopes dos Santos. Ele era do Piódão. Era trabalhador no campo. A minha mãe chamava-se Clementina dos Anjos. Era do Piódão, também. Semeavam milho, batatas, feijão, cebolo, tomate, alface e estas novidades da época. Semeava-se em terrenos do meu pai e da minha mãe. Alguns eram perto de casa, mas outros ainda eram bastante longe. Íamos a pé. Tínhamos os caminhos, muito estreitinhos. Tratávamos da agricultura, dos animais. Era assim.

Os nossos pais, coitados, viviam com muita dificuldade. Eu digo sinceramente. Viviam mal, porque queriam tudo o que fosse melhor para os filhos. Eu digo que a minha mãe, que Deus tem, não passaria muito bem por causa de nos criar. Eram quatro irmãos que eu tinha. Agora são só três, já faleceu o mais novo. Tenho uma irmã e dois rapazes. Naquele tempo, dávamo-nos bem. Só o meu irmão mais velho é que gostava mais da minha irmã que de mim. Depois, andávamos sempre à zaragata um com o outro, mas ele era mais velho e eu tinha que me calar. Às vezes, a minha mãe chegava:

- "Bastou eu ir para a rua, para vocês começarem logo a andar à porrada um ao outro!"

Mas mesmo agora, esse irmão ainda é vivo e a gente dá-se muito bem.

Infância *A infância*

Levantávamo-nos muito cedo. Quando o sol vinha a meio da serra, a gente levantava-se para ir ao mato. Vínhamos com os molhos às costas, porque não havia carros de bois, nem nada. Depois, tratávamos dos animais. Tínhamos cabras, ovelhas, galinhas, coelhos... Vínhamos, deitávamos e fazíamos a cama aos animais, que depois servia de estrume para as terras, para dar melhor renovo.

As nossas mães ficavam em casa a fazer o almoço. Mal chegávamos a casa, comíamos.

"Não podiam dar uma sardinha inteira a cada filho"

Antigamente, de comida, era a sopinha. Coziam o feijãozinho. Tiravam um bocadinho para comer e deixavam outro para a sopa. Quando tínhamos aquela carne - que matávamos o porco - tinham os nossos pais que dividir, para cada dia ser um bocadinho. Praticamente, não chegava para todos os dias. Quando não tínhamos, comíamos o feijãozinho com azeite, a sopinha e pronto, já ficávamos satisfeitas. Naquele tempo, também ainda fazíamos o arrozinho. Com aquele feijãozinho também botava arroz ou massa. Aos outros dias que não havia carne, se havia sardinha, era dividida ao meio. Os nossos pais, coitados, não podiam dar uma sardinha inteira a cada filho. Então, dividíamos ao meio. Um ficava com o rabo, outro com a cabeça. Naquele tempo, era assim, porque não havia dinheiro! Agora, já é doutra maneira. Há muitas comidas.

De tarde, voltávamos à lenha. Íamos buscá-la à serra. Juntávamos de Verão para de Inverno, porque cá era muito frio. Tínhamos que estar sempre com o lume aceso durante o dia.

As Brincadeiras

Aquilo era uma alegria. Juntavam-se rapazes, rapazitos - ainda eram novos - e raparigas e íamos perto da serra. Ainda uma vez me lembra. Deixáramos um molho feito e fomos à Piranga a pé. A Piranga é um largo, um marco, que está na serra. Dos meus irmãos, uns iam, outros não iam, claro. Mas ia gente, colegas meus. Andávamos, brincávamos, cantávamos e aquilo era uma alegria. As brincadeiras eram assim. Lembro-me que o terreno era elevado e havia giesteiras fortes. Nós cortávamo-las e púnhamo-nos de cima das giestas. Depois, outra puxava até ao fundo. Outras vezes, como aquilo era tão elevado e tinha aquela erva seca, nós próprias é que andávamos por aquela "barranceira" a baixo. Era assim. Tinha muito poucos brinquedos, porque não havia dinheiro. Nós fazíamos bonecas de farrapos. Eu, por acaso, também comecei a fazer vestidinhos para as bonecas. Ajeitava-me muito bem à costura. A minha mãe também se ajeitava e eu aprendi com ela. Ia vendo conforme ela fazia, conforme ela cortava. Depois, fazia as minhas roupas e sem ser minhas. Na minha mocidade, fazia roupas para as pessoas da aldeia, que me mandavam fazer blusas, saias, aventais...

Íamos todos ao mato. Depois, uns iam deitar as ovelhas, outros iam buscar lenha para queimarmos de Inverno, no tempo em que não havia o que fazer nas terras. Há uma época em que as terras estão sem ser cavadas. Depois, já têm mais trabalho, porque temos que semear os milhos. São sachados, empalhávamos com estrume, enleirávamos e andávamos a regar até estar criado.

"Nove meses sem vir a casa"

Quando tinha os meus 15 anos, quase 16, fui para o Alentejo. Fui lá fazer 16 anos. Era muito novinha. Andávamos de sol a sol, nove meses sem vir a casa. Quando voltávamos ao Piódão, estávamos três meses. No fim de estarmos três meses, voltávamos. Mais nove. Era isso. Eu sentia-me muito feliz. Dançávamos, cantávamos... Era uma alegria, apesar de ser uma vida muito dura. A gente gostava muito de lá estar, porque podíamos dançar. No Piódão é que não, por causa dos padres. Quando voltávamos ao Piódão, já vínhamos com outras ideias. Formávamos bailes. O padre ia lá ter connosco a ralhar. Não gostava disso,

nem gostava que usássemos mangas curtas. Dizia que andávamos a dar maus exemplos, que era pecado, mas eu continuava a usar.

O sermão

Quando vim, trazia umas blusas de manga curta e uns decotezinhos quadrados. Lá usava-se e nós, as raparigas, fazíamos. Cheguei cá, fui à igreja. O padre que cá estava estava lá a ensinar os meninos. Ajoelhei em baixo, ao pé da porta. Ele disse para os meninos:

- "Vocês não olhem para estes espantalhos. São uns espantalhos. Andam aí com os braços à vela."

E eu cá para comigo:

- Olha, quero cá saber. É o que tu dizes. Eu continuo. E pronto.

E continuei. Um dia, apanhou-me ali no caminho e disse-me assim:

- "Ó, Maria, ó, Maria..."

- Diga lá, senhor prior.

- "Então, ainda estás com as blusas de manga curta?"

- Ó, senhor prior, eu não tenho outras. Mandei-as fazer assim agora tenho que as romper?

- "Andas aí a dar mau exemplo às crianças!"

Era assim. Por uma manguinha e um decotezinho quadrado mas muito aconchegado.

Mais tarde, vieram padres mais modernos. Já não era aquela vida. Levavam as coisas mais na brincadeira.

Casa "*Lembro-me da casa dos meus pais*"

Lembro-me da casa dos meus pais. Ainda está como era, tal e qual. Não foi arranjada. Entrava-se na porta, tinha a cozinha, muito pequenina com umas - dizíamos - tábuas em volta, que era onde se a gente assentava. Tinha um fogãozinho mesmo em frente da janela e a chaminezinha ao lado. Mas era tudo muito pequenino. Tinha um quarto, uma sala, a cozinha e um corredor. Nós tínhamos outra casa. Era de dois irmãos. De uma irmã que era do meu pai e de uma tia minha. Tínhamos uns quartinhos por baixo e nós dormíamos lá. Os meus pais dormiam na própria casa onde vivíamos. A minha casa era à Fonte dos Algarés. Está lá uma mesmo pegada. A minha era mais abaixinho, tinha umas escadinhas que subia para cima, para a porta.

Educação "*Levei duas dúzias de reguadas*"

Andei na escola, mas não havia professores. Vinha um dois, três meses e ia-se embora. Nós ficávamos na mesma classe, porque não dava para passarmos. Portanto, só fiz a terceira classe, e já com uns 11 anos, mais ou menos. Não era que eu não aprendesse. Não era das melhores, mas, pronto, ainda aprendia. Só que não havia quem ensinasse.

Havia muitos meninos e meninas na escola. Estava sempre cheia. Às vezes, tinham que estar três numa carteira, porque não davam para ser só dois. Geralmente, dois é que pertenciam, mas quando havia alunos a mais, tinham que pôr três. Não combinávamos irmos todos juntos para a escola. Cada um ia quando se despachava. Juntávamo-nos no caminho, mas não era que combinássemos.

A escola era em cima, ao Malhadinho. Agora, ardeu. Lembro-me como era. Onde entrávamos, tinha um grande recinto. Havia a sala de espera, que era onde nós arrumávamos os nossos xailes e a nossa roupinha que levávamos para agasalhar. Pendurávamo-la. Tinha uma porta ao lado, que se entrava para a sala, que era toda cheia de carteiras. Carteiras antigas, não era mesas como se agora usa. Era umas carteirinhas, onde cabiam dois alunos. Ao cimo, tinha a secretária, o quadro e uma chaminé para acenderem a lareira. Acendia-se quando estava frio. Atrás, havia um coberto e três casas de banho. Uma era da professora, outra dos rapazes e outra das raparigas. Tinha lá um depósito, dava-se à bomba e a água saía. Era assim.

Já havia uns cadernitos, mas a gente tinha umas pedras com um caixilhozinho em volta. Escrevíamos mais aí. Quando era provas - dizíamos que eram provas, nesse tempo -, aqueles testes, já nos davam uma folha de 35 linhas.

Uma vez, fiz um teste e levei duas dúzias de reguadas. Na terceira classe, eram cinco problemas. Eu só acertei dois. Os outros três estavam mal. A professora deu-me 12 reguadas numa mão e 12 noutra. Fiquei com as mãos... nem sentia, a arder, a formigar, quando fui para a carteira. Fartei-me de chorar. Essa professora ainda é viva! Os meus filhos ainda foram para a explicação para casa dela, em Corroios, quando eu estava em Lisboa. Era uma professora muito nova. Era alentejana. Casou com um rapaz de cá do Piódão, que andava em Lisboa. Ela casou e foi para lá com ele.

As professoras, nesse tempo, eram um bocado para o mau. Eram más. Tinha uma régua de madeira e batiam! Era tumba, tumba, nas nossas mãos. Puxavam as orelhas, espetavam as unhas nas nossas orelhas. Uma vez, numa irmã minha, até tirou o sangue.

Religião *"Era muito bonito, porque havia muita criança"*

Andei na catequese, fiz as comunhões e também fui catequista dos meninos no Piódão.

Já não me recordo do dia em que fiz a Primeira Comunhão. Sei que tinha aí uns oito anos, mais ou menos. Na comunhão, guardava-se o dia. Era a um domingo. Era mais no Corpo de Deus, que a gente fazia. Éramos ensaiados. Aquilo era muito engraçado. Quando havia aquelas festas, o padre punha-nos em fila e andava a ensaiar as crianças. Vinham dois meninos buscar-nos ao fundo e íamos comungar: um de um lado, outro do outro da menina ou menino que ia fazer a Primeira Comunhão. Era assim quando me eu criei. Não se levava nenhuma roupa especial. Levavam-se uns hábitos brancos com uma cruz encarnada, uma à frente, outra atrás. Os meninos, era uma banda também com uma cruzinha. Era muito bonito, porque havia muita criança. Mesmo às procissões, quando fazíamos as festas, aquilo era um grande cordão de meninos que andavam na Cruzada. Chamavam a Cruzada. Era uma grande fila.

Depois, entrei para as Benjaminas, que era um grupozinho que realizáramos de blusas branquinhas. Eu tinha mais ou menos 16 anos. Eram só mulheres. Fazíamos parte na igreja. Íamos à missa. Era o dia apropriado para a Acção Católica. Mais tarde, quando já tinha mais idade, passámos para blusa e saia azul. Depois, saí do Piódão.

Namoro *"Tínhamos vergonha de dar beijos"*

Aos 18 anos, mais ou menos, começo a namorar. A namoriscar. Não eram namoros sérios, nem nada. Era na brincadeira. A sério, a sério, tinha aí perto de 20 anos, mais ou menos. Na altura, não era como agora. Agora, é diferente. A gente não se chegava ao pé do rapaz de qualquer maneira, nem se dava um beijo. Só quando a gente se casasse. Eu sou sincera, nunca dei um beijo ao meu marido antes de me casar. Até é vergonha agora dizer isso, mas usava-se. Tínhamos vergonha de dar beijos aos rapazes. Nem autorizávamos que nos tocassem. Quando nos tocavam, começávamos logo a disparatar. Era muito sério, muito rigoroso.

O momento em que o meu marido me pediu em casamento foi mais ou menos. Ele andava na tropa, talvez. Foi por carta... Já nem sei. Agora, já nem me lembro. Nem sei se teve de pedir a minha mão ao meu pai. Há tantos anos, 40 e tal anos.



Maria dos Anjos com 16 anos

Casamento "*Ainda tenho o véu*"

No dia do meu casamento, por acaso, estava a chover. Ainda não tinha 24 anos. Casei em Março e fazia em Maio 24.

Fiz a minha roupa no casamento! Só que a bainha, não a acabei de coser. Diziam que não era bom acabar a peça. Já não me lembra quem é que ma acabou, se foi uma irmã minha, se quem é que foi. Mas eu é que fiz o vestido. Era tirilene bege, de manga comprida e com uns machinhos, dois à frente e dois atrás. Levei um sapatinho, também a condizer com o vestido, e um véuzinho branco. Ainda tenho o véu. Por acaso, tenho-o guardado. Mas já está cortado da traça. O meu marido também ia com um fatinho que comprou. Não fui eu que lhe fiz o fato. Podia ter mandado fazer. Ia jeitoso.

O casamento foi na igreja do Piódão. Os meus pais fizeram-me uma festa. Era várias coisas que se comia, mais à base de carne de cabra ou de ovelha. Faziam os pães-de-ló, os coscoréis, os bolos do forno, arroz-doce e tigelada. Eram os doces que se usavam naquele tempo.

Os meus filhos nasceram em Lisboa. Foram lá praticamente criados. Já tenho dois netos.

Migração "*Fui daqui ainda não tinha 25 anos*"

Fui daqui para Lisboa ainda não tinha 25 anos. A gente casou-se e o meu marido arranjou lá um trabalho, que aqui não havia trabalhos nenhuns. Se fosse como agora, já havia, mas naquele tempo não. Foi para a Lisnave. Estive lá meio ano sozinho. Depois, veio-me buscar. Estive lá. Agora, não me lembra os anos que foi.

"Custou-me um bocadinho"

Custou-me um bocadinho a adaptação. Na altura, fui para um quarto. Tive sorte, porque calhei com uma pessoa muito boa, a senhora dona da casa. Gostava muito de mim. Eu considerava-a praticamente a minha segunda mãe, porque ela ajudou-me muito e eu também a ajudava no que podia. Já era uma senhora de idade.

Ela tinha vários quartos alugados. Não era só eu, mas dei-me sempre bem com todos. A casa de banho e a cozinha para todos. Naquele tempo, tínhamos umas maquinazinhas a petróleo. Na lareira tínhamo-las todas em carreira. Muito giro. Fazíamos o comerzinho e trazíamos para os nossos quartos. Tínhamos uma mesinha lá. Comíamos e íamos lavar a loiça à cozinha.

Depois, tive casa em vários lados. Tive no Laranjeiro. Também era pequenina. Com os nossos filhos, já não havia possibilidades de lá ter tanta gente. Então, comprámos um terreno e fomos fazer uma casa. Um vivia por cima, outro no andar de baixo e tínhamos as garagens divididas. Aí, já estávamos muito bem. Foi o meu marido que a mandou construir, perto de quando eu para lá fui. Ainda aqui há dias fui matar saudades dessa casa. É muito bonita ainda, mas já não é minha. Vendi-a e vim comprar em Coimbra.

"Vim para Coimbra"

Mais tarde, vim para Coimbra. Estive lá uns anitos. Perto de uns 20, se calhar. Tínhamos um minimercado ali na Rua do Brasil para cima do parque da cidade. Vendíamos de tudo, mais ou menos. Arroz, massa, era de tudo.

Em Coimbra, estive num andar, que também era meu. Depois, vendi o andar, comprei um terreno e fiz uma vivenda para os meus dois filhos. Uma,

que eram duas geminadas. Tem duas entradas, tem tudo separado. Ainda lá está assim.

Voltei de vez há dois anos, dois anos e tal. Já estava saturada das cidades. Aqui há mais sossego. E além disso, o lugar onde nascemos está sempre a puxar para ir para lá. Eu saí do Piódão, mas estava sempre com ele no pensamento. Vinha cá muito de amiúde - pelo menos duas vezes no ano, mais ou menos - e estava sempre a acompanhar. Agora, vim para aqui. Estou aqui e vou lá quando é preciso.

Quotidiano *O dia-a-dia*

Agora, passo os meus dias muito simples. Tenho aí umas novidadezinhas, umas cebolinhas, uns pimenteiros, uns feijoeiros, alface... Vou cultivá-la, regá-la. Tenho as galinhas para tratar. Tenho as flores para a igreja, que tenho que cultivar. Ando sempre a plantar e a regar. Gosto muito de flores. Agora, tenho lá plantadas coroas de rei, sécias, gladiólos, que ainda estão a dar alguns, e mais plantas. Não sei bem o nome delas. Temos as despedidas do ano, também estamos a cultivá-las, temos os - dizemos martírios, temos várias flores. Ocupo assim o meu dia e o meu tempo entre o campo e o jardim. E fazer a vida de casa. Já dá trabalho que chegue. Também não posso trabalhar muito, porque fui operada ao coração e não posso me esforçar nem tomar muitos pesos. Tenho que fazer só esta vida mais levinha. Já não tenho idade para estar a fazer outras coisas.

Costumes *Usos da terra*

As festas

A festa da povoação é o São Pedro. Comemora-se o dia 29 de Junho. Praticamente, é a missa e um leilãozinho.

A festa da Senhora da Conceição é a festa da freguesia. Muito linda. Faz-se a missa e depois é a procissão. Saem os andores todos. Por acaso, até sou mordoma da Nossa Senhora da Conceição. Enfeito o altar principal, neste momento. Tive que lhe enfeitar o andor e tudo, para ir à procissão. Quando era nova, antes de casar, também era eu. Agora, não, só que fui operada ao coração e prometi que se ficasse bem, enfeitava um ano. E assim aconteceu. Enfeitei-a um ano seguido.

Depois, pronto, não tinha coração que deixasse de pôr flores nela. Continuei. Já vai para três anos. Sou mordoma da Santa.

São os mordomos da igreja que escolhem quem vai organizar a festa para o ano seguinte. A igreja tem três mordomos, que servem três anos seguidos. Eles nomeiam os mordomos dos santos, que os enfeitam para sair para a procissão. A procissão sai aqui da igreja, vai ao cemitério e dá a volta novamente para a igreja. É muito giro! Este ano, o andor ia com flores naturais. Ia com cravos cor-de-rosa e, aos cantinhos, levava aquelas coroas de rei, assim mais altinhas. Ia muito giro. Até tenho a fotografia. Quem leva os andores, alguns é os homens, outros, levam as mulheres, porque raparigas cá, praticamente, não há nenhuma. Há muito pouquinhas. Os andores que têm é a Senhora da Conceição, São Miguel, São Sebastião, Coração de Jesus, Coração de Maria, Santo António, São José, Senhora de Fátima, Senhora dos Verdes e terminou. São nove andores. Vieram os da capelinha do Malhadinho que são mais três. São 12 ao todo. E vem também o São Pedro.

Depois vem uns conjuntozinhos. Como a igreja é pobre, não podem vir aqueles artistas bons, mas vale o mesmo. Depois quem gosta de dançar dança. E é assim. No fim da procissão, também fazem leilão. Um leilãozinho de ofertas, que as pessoas dão para fazer dinheiro para a igreja. Leiloa-se umas garrafinhas de aguardente, daquilo que as pessoas podem dar. Quem costuma comprar são as pessoas cá da terra. Turistas, muito pouco. É mais as pessoas cá da freguesia. Antigamente, a gente até gostava muito que viessem essas festas para estrear a roupa. Fazíamos sempre questão de estrear uma roupa.

"O sino todo o dia a tocar"

A Páscoa é um dia muito bonito, também. Dão as boas-festas pela rua. Antigamente, quando eu era rapariga, andávamos a cantar atrás da Cruz. Depois, parávamos às portas e ficávamos a cantar. A Cruz ia dentro de casa visitar as pessoas que lá estavam, as famílias. Nós esperávamos que eles saíssem e depois íamos para outra casa. Também lá cantávamos. Era muito giro. O sino todo o dia a tocar. Agora ainda toca, mas já não é como dantes. Dantes, era mais bonito. Havia também a tradição do folar. Punham o folar para o padre. Antes, não tinha ordenado. Agora, ainda põem quando vão às casas, mas é dinheiro. Antigamente, era ovos e um queijinho no meio, quem tinha. Quem não tinha, punha só ovos. Agora, não, é para a igreja. O padre já tem ordenado.

A cõngrua também era para eles. Era umas medidas. Cada ano, davam aquela medida. Diziam que era a cõngrua. Era mais milho. Davam ao padre para a ajuda de ele viver. Senão, também não tinha possibilidades de viver nestas terras.

Depois, o padre vendia-o. Mesmo as famílias mais pobres, sem possibilidades, arranjavam sempre. Cultivavam e tinham sempre o milhozinho para dar ao padre e para comerem todo ano.

O Natal e as Janeiras

No Natal íamos beijar o menino Jesus à igreja. Festas, não se faziam porque não havia com quê. Era igual a um dia qualquer, na questão de comida. Não se comia nada de especial.

Nas Janeiras, também era muito giro. Íamos pedir as Janeiras de porta por porta. Uns davam-nos castanhas, outros davam-nos isto, davam aquilo. Batia-se à porta e dizíamos as Janeiras. Naquele tempo não cantávamos nada. As pessoas que queriam dar, vinham à porta, as que não queriam, diziam:

- "Olha, agora não tenho cá nada..."

Nós ficávamos conformadas. Íamos embora.

"Deu-nos um copo de aguardente"

Uma vez, um senhor - acho que não regulava bem - deu um copo de aguardente a mim e mais uma amiga minha. Éramos pequenitas. Quando viemos, caímos para cima das escadas. Já não nos tínhamos. Acho que na minha vida nunca apanhei uma coisa daquelas. Era um copo de vinho grande! Pôs-nos a aguardente toda.

"Era assim que a gente fazia por o Entrudo"

Pelo Carnaval, a gente guardava um chouriço. Os demais, não sei como é que era, mas a minha mãe guardava o chouriço maior que tivesse. Chouriço ou um bocado de carne. Depois, cozia-o no dia de Entrudo. Nós, à tarde, íamos deitar o gado. Quando vínhamos, ela tinha o chouriço cozido com grão. Era assim a festa que a gente fazia por o Entrudo.

Era muito diferente de agora. Havia as 40 horas na igreja. Dividiam a povoação em grupos e estava o Senhor exposto no altar. Nós tínhamos que ter aquela hora de adoração. Uma parte do povo ia a estas tantas horas. Acabava-se aquela hora, ia outro grupozinho e assim sucessivamente todo o dia, até fazer 40 horas. Não havia bailes, não havia nada. Os padres não deixavam dançar. Só

queriam que a gente fosse para a igreja. Nem podíamos trazer mangas curtas, nem saias curtas, nem decotes. Aquilo era uma tentação, para os padres.

Ladainha para pedir água

Havia uma ladainha que a gente dizia por causa das águas, porque às vezes não chovia. Ainda dizem, agora, muitas vezes, na igreja. Numa parte do ano, iam a dizer aquela ladainha pelos caminhos fora. De cada casa ia uma pessoa. Nós aqui íamos aos Chãs d'Égua a rezar e a cantar, para vir as águas. Depois, havia, se não me engano, uma até ao Tojo. Isto já há muitos anos. Era:

- Santa Catarina, orai para nós. Santos e santas. orai para nós.

O padre dizia essas partes e nós só dizíamos "orai para nós". O caminho todo. Uma horazita ou mais que a gente demorava a ir. Depois, lá diziam a missa. Dávamos umas voltas em volta da capela que lá tem e voltávamos.

"Até encher o forno"

A farinha era nossa, porque nós cultivávamos o milho. Íamo-lo moer, depois amassávamos. Tínhamos umas gamelas de madeira, onde amassávamos a broa. Tínhamos umas tigelas de tender e depois levávamos para o forno.

O número de pessoas a cozer ao mesmo tempo era conforme a fornada que tinham. Se tivessem umas oito broas, mais ou menos, eram quatro pessoas. Se fosse mais, já tinham que ser só três, porque não cabiam no forno. Para não trocarem as broas, uma pessoa deixava a massa sem nada, lisa, conforme deitada da tigela. Outra fazia um buraco com o dedo. Outra fazia-lhe um belisco, apertava a massa com os dois dedos. Outra fazia dois dedos. Senão eram todas iguais, não sabiam de quem era.

Cozíamos a broa nos fornos. Tínhamos dois aqui no Piódão, só um público. O outro era particular, mas o senhor deixava cozer, se a gente lá fosse pedir. Ia toda a gente lá cozer o pão. Havia aí uma pessoa ou duas que tinham os fornitos dentro de casa, mas muito poucas. Os outros tinham que vir pedir vez. Havia muitas famílias. Naquele tempo, não havia uma casa que não estivesse habitada! Famílias de oito filhos e de mais. A primeira que cozia é que dava as vezes encarreiradas, a seguir a ela. Ela era a primeira, depois era a segunda, a terceira, a quarta... Iam assim. Cozia-se broa mais ou menos para oito, 15 dias. Conforme a quantidade de broa que a gente cozesse na altura.

Um senhor cuidava do forno. Tinha uma pá com um grande pau enfiado no cano. O forno tinha umas prateleirinhas onde a gente punha as gamelas com a massa. A gente tendia, punha-a na pá e ele punha-a no forno. Depois, ele

vinha outra vez com a pá e nós voltávamos a lá ir pôr. Até encher o forno. Era muito giro. Muito engraçado, antigamente. Por acaso, ainda tenho saudades desse tempo. Agora está muito melhor, mas ainda tenho saudades.

"Beber o soro de onde faziam o queijo"

Com o leite das cabras e das ovelhas - quem tinha suficiente - faziam o queijo. Lembro-me como se fazia. Tínhamos uns acinchos. A gente coalhava o leite numas panelas em volta do lume e botava-se-lhe - diziam - o coalho ou cardo. Tanto fazia uma coisa como a outra. Às vezes, deitavam até as duas. Aquele leite coalhava. Depois, tinham o preparado, o acincho e o prato e com a mão, tiravam aquela coalhada e calcavam no acincho até ficar bem calcadinho. Saía aquele soro pelos buraquinhos. As nossas mães juntavam o soro numa panelinha e nós comíamos, porque não podíamos beber o leite, que era para o queijo. Tínhamos que beber o soro de onde faziam o queijo. Era só o resto.

Tigelada

Tigelada é feita com leite, ovos caseiros e açúcar. Não leva mais nada. Onde querem fazer, enche-se de ovos. A mesma quantidade que se deitou de ovos, põe-se de leite. Depois, deita-se para um alguidarzinho para mexer. Conforme a quantidade que querem fazer, põe 1 quilo de açúcar. Vai ao forno, coze e estando cozidinha, amarelinha, coradinha por cima, tira-se do forno e deixa-se arrefecer. É muito bom.

Carnes

As pessoas aqui no Piódão gostam de carne de cabrito, de chanfana e assim várias comidas.

O bucho é o estômago do porco. A gente lava-o bem lavadinho, enche com um bocadinho de arroz e um bocadinho de sangue, miga-lhe aquela carne e bota-lhe uns cominhos, umas ervinhas, um bocadinho de colorau e um bocadinho de louro. Conforme o gosto. Fica o bucho feito.

Lugar *O Piódão*

Não sei porque é que o Piódão se chama assim. Eu conheci sempre Piódão. Também se chama "Aldeia Presépio", porque à noite parece um presépio. Realmente, com aquelas luzinhas todas é um modelo, do feito de um presépio.

Cantavam-se era canções ao Piódão, ao São Pedro... Canções que a gente sabia. Ao Piódão eram várias. Muitas quadrazinhas, que a gente sabia. Eu sei muitas. Sei várias. Gostava muito de cantar:

Adeus, terra do Piódão.

Mal de ti nunca o direi.

Adeus, terra do Piódão.

Mal de ti nunca o direi

Ou no cimo ou no fundo

Ou no meio ficarei.

Ou no cimo ou no fundo

Ou no meio ficarei

Adeus, terra do Piódão.

Rodeada de urtigas.

Adeus, terra do Piódão.

Rodeada de urtigas.

Não sei como tens criado

Mocidade tão bonita

A roupa, o ribeiro e o ferro

Lembro-me do Piódão quando era pequenina. Não havia luz. Não havia esgotos. Pronto, não havia. Nós tínhamos que ir fazer as necessidades fora da povoação. Não havia telefones. Não havia águas em casa. Tínhamos as fontes onde íamos encher os cântaros. Íamos lavar a roupa também longe, ao ribeiro. Depois, trazíamo-la a corar uns dias. Íamos com um regador deitar-lhe água. Torcíamos-la e púnhamo-la a enxugar. Passávamos a ferro a roupa, com um ferro de carvão. Era um ferrozinho muito jeitoso. Por acaso, ainda lá trago um. A gente levantava uma tampinha e deitava-lhe as brasas para dentro. Depois púnhamo-lo

a aquecer. No fim de estar quente, passávamos a roupa. Ficava bem passadinha porque estava muito quente.

"Íamos dar uns mergulhos no ribeiro"

Às vezes, os rapazes lá iam ter connosco, chatear-nos. Andávamos a atirar pedras ao poço. Era muito engraçado. Íamos dar uns mergulhos no ribeiro. Uma vez, fomos dar uns mergulhos. Quando déramos conta, andavam os rapazes por cima a espreitar a gente. E depois atiraram-nos pedras. Isso é que a gente fugiu logo! Tivemos que fugir, porque a gente tinha medo que eles nos davam com as pedras.

"Regávamos de noite"

Para regar, na altura, a água ia dos barrocos por umas levadas estreitinhas. Depois, cada pessoa tinha aquelas horas. Não podíamos regar quando queríamos. A gente tinha que regar no nosso tempo. Chegava-se o fim do nosso tempo, tapava a água e era para outra pessoa. Nalguns lados, era 17 dias que demorava. Noutros lados, era de oito. O mínimo era de seis. Nós tínhamos terras em vários lados. Era conforme.

Regávamos de noite. Como não havia luzes, nós levávamos uma lanterna. Tinha que ir duas pessoas. Uma andava a alumiar ao pé do rego da água e a outra andava com uma sachola a fazer os regos para a água correr. Nessa altura, nós andávamos sempre a cantar lá no meio dos milhos e aquilo era um "cantorio". Era tudo muito bonito. Era uma vida agitada, mas era bonito. A gente gostava.

O vestuário

Na altura, usava-se saia. Não havia calças. As mulheres não usavam calças. Era saias, blusas e aventais, com os laçarotes atados atrás. Eram muito jeitosos, assim rodados. Até chamávamos o avental de godés. Era liso na barriga e fazia roda por baixo. Também usávamos aquelas saias rodadinhas, de pregas, de machos. Andávamos todas jeitosas. Os homens era calça e camisa. Lá tinham uns puloverzinhos, mas, naquele tempo, não havia dinheiro para comprar pulôveres. Praticamente, andavam só com a camisita e a camisola interior. Nós também tínhamos poucos casaquinhos, só que, quando estava muito frio, púnhamos um xaile pelas costas. Também se usavam os capuchos que se enfiavam na cabeça e

chegavam até ao meio das pernas. Era para o frio não entrar tanto para os nossos corpos.

O azul do Piódão

Naquela altura, as portas das casas do Piódão já eram azuis. Agora é que começaram a pôr castanho. E as janelas eram de correr para cima. Não tinham aquelas portas de abrir. Não sei dizer porque é que eram azuis. Já vinha dos nossos avós e bisavós. Na minha casa também era. Tinha um palanquim, que também tinha as portas pintadas de azul e a grade também era.

A parteira Maria Silva

Quando uma mulher estava grávida e tinha que dar à luz, era uma parteira que ajudava. Havia cá uma senhora que era a parteira. Só no último caso é que iam para o médico. Ao demais aquela senhora é que fazia o trabalho. Era Maria Silva. Ajudou-me a nascer a mim e aos meus irmãos. Agora, já vem aqui um médico. Julgo que vem todos os quinze dias. Quando é uma coisa qualquer, vão a Arganil. Se por acaso é doença que podem assistir, assistem. Se não é, mandam para Coimbra, numa ambulância.

Mudanças no Piódão

O que mudou no Piódão desde o ano em que me casei é estarem as casas mais arranjadas. Naquele tempo, não havia casas como agora há. O que se nota é isso. Quando eu me fui embora, ainda era tudo cultivado e agora está tudo mais abandonado. É a diferença que eu acho. Também a iluminação. Quando eu fui para Lisboa, ainda não havia. Agora, está melhor. Há tantos anos que a luz veio para aqui como o meu pai, que Deus tem, morreu. Há perto de 40 anos. Ele ainda fez a instalação para a casa mas já não conseguiu pô-la. Ainda não estava instalada.

Aconselho toda a gente a visitar o Piódão. Quando me perguntam:

- "De onde é que é a senhora?"

- Sou do Piódão.

- "Ai, nunca lá fui mas tenho ouvido falar nisso."

- Ai, a senhora vá que é muito lindo.

Aconselho sempre a virem. Para mim, como estou tão habituada, já não acho grande graça. Gosto do Piódão, claro. As pessoas acham muito bonito por causa das casas estarem muito juntas e por causa das ruas serem às escadinhas. Acham graça. Há muitas terras bonitas, que também são em xisto, mas são em terrenos mais planos. Aqui é mais elevado e as pessoas gostam muito de ver.

Os turistas, é sempre bom eles virem. Senão isto já tinha também acabado. Há muito poucas pessoas. O que dá força ao Piódão é os turistas. Vêm cá todo o ano, mais no Verão. No Inverno é mais aos fins-de-semana. Há dias que não aparece um turista. Mas há outros dias que vêm.

No museu no Piódão há muita coisa bonita. Tem muitas coisas que se usavam antigamente. Tem lá tanta coisa que eu nem sei. Sacholas, as caminhas, ainda de bancos, com os cobertores, porque não havia lençóis. Aquelas coisitas todas. Só indo lá.

Sonhos "*É o meu sonho*"

Agora o meu sonho era criar os meus netinhos. Só quando eles estivessem criados é que já podia morrer. Gostava ainda de viver uns aninhos para os ajudar a criar. É o meu sonho.

Avaliação "*Importante para os novos*"

Eu acho este projecto bom. É importante para os novos saberem o que se passou antigamente, porque muitos não sabem. Antes de mim, havia outros que ainda sabiam mais. A gente já está só a contar aquilo que conhece, que conheceu daquela data para cá.